

# CADMO

Revista do Instituto Oriental  
da  
Universidade de Lisboa

6/7



Edições  
*Colibri*

二〇〇〇年六月  
第廿六卷第六期

tem a chancela de A. (Atanásio, que na 39.<sup>a</sup> carta da Páscoa atesta o cânone completo do Novo Testamento como um facto).

Completa o volume uma proveitosa lista bibliográfica, instrutiva não apenas para a questão do cânone, mas igualmente para o facto literário, línguas escritas e sistemas da sua aprendizagem e transmissão no mundo antigo. Desculpam-se lapsos menores, como atribuir à *Instrução de Amenemope* o elogio dos escritores (p. 36: a fonte é a instrução do papiro de Chester Beatty IV, também do Império Novo). Vêem-se os horizontes largos de dois biblistas, não o tratamento próprio de teólogos sistemáticos.

José Nunes Carreira

**B. JANOWSKI-U. NEUMANN-GORSOLKE-U. GLESSMER** (ed.), *Gefährten und Feinde des Menschen. Das Tier in der Lebenswelt des alten Israel*, Neukirchener Verlag des Erziehungsvereins, Neukirchen-Vluyn 1993. XI+397 p. ISBN 3-7887-1412-3.

Como explica B. Janowski no prefácio, a colectânea nasceu de uma ideia simples: reeditar o há muito esgotado estudo da primeira catedrática de Antigo Testamento em universidade alemã, M. L. Henry (1958). Mas acabou por dar num apanhado de quarenta anos de investigação, juntando artigos de C. Westermann (1984), G. Liedke (1985), J. Schreiner (1985) e R. Bartelmus (1987), bem como trabalhos até agora inéditos ou publicados em língua estrangeira de H. J. Boecker, A. de Pury (francês, 1984), O. Keel e R. Bartelmus. O título, «Companheiros e inimigos do homem» veio de um trabalho de O. Keel (1984). Os assuntos vão da teologia à ética e antropologia, sem esquecer a zoologia do Antigo Testamento, a saber:

B. Janowski, Auch die Tiere gehören zum Gottesbund (pp. 1-14);

M. L. Henry, Das Tier im religiösen Bewusstsein des alttestamentlichen Menschen (pp. 20-61);

H.J. Boecker, «Du sollst dem Ochsen, der drischt, das Maul nicht verbinden» – Überlegungen zur Wertung der Natur im Alten Testament (pp. 67-84);

C. Westermann, Mensch, Tier und Pflanze in der Bibel (pp. 90-106);

A. de Pury, Gemeinschaft und Differenz. Aspekte der Mensch-Tier-Beziehung im alten Israel (pp. 112-149);

O. Keel, Allgegenwärtige Tiere. Weisen ihrer Wahrnehmung in der hebräischen Bibel (pp. 155-193);

G. Liedke, «Tier-Ethik». Biblische Perspektiven. Ein Bericht (pp. 199-213);

J. Schreiner, Der Herr hilft Menschen und Tieren (Ps 36,7) (pp. 219-239);

R. Bartelmus, Die Tierwelt in der Bibel I: Exegetische Beobachtungen zu einem Teilaspekt der Diskussion um eine Theologie der Natur (245-277);

Id., Die Tierwelt in der Bibel II: Tiersymbolik im Alten Testament – exemplarisch dargestellt am Beispiel von Dan 7, Ex 1/10 und Jes 11,6-8 (pp. 283-306).

Cada um dos dez estudos é seguido de algumas páginas de «motivos e materiais» que o complementam, entre estes, o «bom pastor» e o seu rebanho, o animal como símbolo de poder régio, animais puros e impuros, deus/deusa e o animal. Muitas gravuras provenientes das escavações arqueológicas do Próximo Oriente (vê-se o dedo de O. Keel) dão luz sobre as ideias correntes nas civilizações pré-clássicas sobre o mundo animal. São bem úteis os «Textos selectos do Antigo Testamento sobre animais» (pp. 312-333), a «Bibliografia para o animal no Antigo Testamento e no seu mundo» (336-360), o «Glossário de nomes hebraicos e aramaicos de animais» (pp. 361-376), o índice analítico (382-386) e o índice de lugares bíblicos (387-389).

A diversidade de temas à volta do animal não permite uma síntese. Baste recordar que, num tempo de preocupações ecológicas e ambientalistas, é oportuno escutar vozes de outrora. Se não há uma só interpretação do homem como imagem de Deus, há consenso no entendimento do domínio limitado sobre os animais e a terra (Gn 1,26.28). «'Senhor dos animais' significa no Escrito Sacerdotal: viver na consciência de que a actual situação de violência entre homem e animal não corresponde à primigénia vontade criacional de Deus, mas é causada pelo homem...» (G. Leidke, p. 209).

Passou, por um lado, o sentimento de comunhão harmónica entre natureza e homem; por outro lado, o homem já não sente no dia-a-dia e na pele a diferença e inimizade do bruto. A íntima relação entre homem e animal, como companheiro e como inimigo, existente até há pouco no nosso espaço cultural, está em vias de desaparecimento na Europa Ocidental e América do Norte desde o século XIX. Quando entram em

colapso todas as tradições que até agora medeavam entre o homem e a natureza e se proclama desenfreadamente a superioridade do homem sobre os animais (por vezes com suporte de Gn 1,26-30), não é demais aduzir argumentação, agora da Bíblia e da Orientalística, em favor do respeito pelas espécies zoológicas.

*José Nunes Carreira*

**O. KAISER**, *Grundriss der Einleitung in die kanonischen und deuterokanonischen Schriften des Alten Testaments*, II: Die prophetischen Werke, Gütersloher Verlagshaus, Gütersloh 1994, 198 p. ISBN 3-579-00053-5.

Depois da bem conseguida *Introdução ao Antigo Testamento*, várias vezes reeditada e traduzida noutras línguas, O. Kaiser refunde e actualiza o tratamento das matérias numa «epítome» em três volumes. O vol II, dedicado aos livros proféticos, conta com a colaboração de K.-F. Pohlmann, que escreve o capítulo sobre o *Livro de Ezequiel*.

Impressiona bem, logo de entrada, a terminologia irénica ou ecuménica do título. Livros «deuterocanónicos», como lhes chamam os exegetas católicos, substituiu os «apócrifos» da nomenclatura protestante tradicional. É salutar que se deixe o termo para os livros que nenhuma das grandes Igrejas cristãs reconhece como canónicos. O passo seguinte será suprimir (em título) pura e simplesmente a distinção.

Situa-se rapidamente o fenómeno da profecia no contexto do Oriente Antigo. Adivinhação houve-a por toda a parte – no Egipto, na Ásia Anterior e no Egeu. Profecia como inspiração divina só em Mari (séc. XVIII-XVII a. C.) e mais tarde entre os Cananeus de Taanak, os Fenícios de Biblos, os Arameus da Síria e os Assírios (séc. VII a. C.). No mesmo parágrafo introdutório se esboça a história do profetismo hebreu, das figuras dos séculos X-IX (Natã, Gad, Aías, Elias, Eliseu) aos homens cujos oráculos se julgaram dignos de registo em livro próprio (Amós, Oseias, Isaías, Miqueias, Jeremias, Ezequiel, etc.). É o século VIII que marca o início da profecia clássica e dos profetas «escritores».

Que este termo se deve usar com muita precaução, vê-se pela parte modesta e até mínima que tais «escritores» tiveram na elaboração dos livros que lhes são atribuídos. «O livro profético é o resultado de uma reelaboração actualizante da colecção de palavras do profeta de que tem o nome» (p. 21). É uma evidência, marcada deste o início da Obra